

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

PROTAGONISMO INFANTIL EM EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS

LUÍZA DE LACERDA ANDRADE

NITERÓI
2023

LUÍZA DE LACERDA ANDRADE

PROTAGONISMO INFANTIL EM EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito básico para obtenção do
título de Bacharel em Produção Cultural.

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara

NITERÓI
2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A553p Andrade, Luiza de Lacerda
Protagonismo infantil em experiências artístico-
pedagógicas / Luiza de Lacerda Andrade. - 2023.
38 f.

Orientador: Luiz Guilherme de Barros Falcão Vergara.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2023.

1. Infância. 2. Produção cultural. 3. Ensino de arte. 4.
Produção intelectual. I. Vergara, Luiz Guilherme de Barros
Falcão, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **vigésimo dia do mês de dezembro do ano de 2023**, às **nove horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Protagonismo Infantil em Experiências Artístico-pedagógicas**, apresentado por **Luiza de Lacerda Andrade**, matrícula **217033070**, sob orientação do(a) **Dr. Luiz Guilherme Vergara**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dr. Luiz Guilherme Vergara**

2º Membro: **Dra. Neide Aparecida Marinho**

3º Membro: **Dr. Luiz Carlos Mendonça**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 10,00

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente
LUIZ GUILHERME DE BARROS FALCAO VERGARA
Data: 20/12/2023 17:43:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha namorada Lohana, minha família e meus amigos que sempre me apoiaram e incentivaram. Ao meu orientador que esteve comigo durante todo o processo, e à Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, todas as crianças que já passaram por lá, e Alembert Quindins, que pôde me conceder uma entrevista muito rica para compôr o meu trabalho.

RESUMO

Neste presente trabalho busco analisar o protagonismo infantil nas áreas da produção artística pedagógica, primeiro fazendo um parâmetro a respeito da história da criação do conceito de infância, segundo Philippe Àries, e buscando mapear alguns tipos de opressões castradoras da inteligência e autonomia infantil contra a criança no sentido do direito à liberdade, expressão e alteridade. Em seguida farei um mapeamento dos conceitos de protagonismo infantil e de escuta, focados na produção artística pedagógica com crianças, identificando seu impacto no desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e social infantil, apontando para o exercício pleno à liberdade, expressão e alteridade. No último capítulo, concluirei mostrando um exemplo de experiência artística e cultural que segue o princípio do protagonismo infantil, a Fundação Casa Grande: Memorial do Homem Kariri, centro cultural gerido por crianças no Ceará.

Palavras-chave: Infância. Protagonismo Infantil. Memorial do Homem Kariri. Ensino de Arte. Produção Artístico-Pedagógica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - A PERCEPÇÃO E A HISTÓRIA DA INFÂNCIA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA.....	8
CAPÍTULO 2 - PROTAGONISMO INFANTIL NO MEIO ARTÍSTICO E CULTURAL	
2.1 - Protagonismo e escuta infantil.....	15
2.2 - Criança, imaginação e fantasia.....	16
2.3 - Escola, arte e o potencial infantil.....	18
CAPÍTULO 3 - O CASO FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI.....	25
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa fazer uma análise do protagonismo infantil em experiências artístico-pedagógicas brasileiras, trazendo e assimilando autores dos campos da arte e da pedagogia, assim como experiências reais com foco principal na Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda no Ceará, que exemplifica naturalmente a atuação do protagonismo infantil quando se fala no ensino da arte e no fazer artístico da criança.

Vou utilizar as teorias e pesquisas de autores há muito utilizados nas pesquisas sobre ensino artístico, como Ana Mae Barbosa e sua abordagem triangular de ensino da arte e, sobre a infância, como Philippe Àries e a história da infância e da família, e alguns estudos de Vigotski e Walter Benjamin sobre infância. Também irei trazer nomes mais recentes - e brasileiros -, de estudos que estão há pouco ganhando espaço nas pesquisas sobre infância de protagonismo e escuta infantil, como Sonia Kramer, Adriana Friedmann, Maria Isabel Leite e Simone Jobim e Souza. Além disso trago os conceitos de igualdade e equidade a partir de Rawls, assim como o de interseccionalidade a partir de Carla Akotirene, para auxiliar na construção da tese.

Conceito chave deste trabalho, o protagonismo infantil apresenta a perspectiva de que a criança tem saberes próprios, tão importantes quanto os saberes adultos, para a construção da sociedade. Uma sociedade mais justa e inclusiva com as crianças para além do seu futuro, pensando no presente e na importância da criança ter sua voz ouvida e ter participação no que diz respeito à sua vida e seus interesses. Outro conceito chave que norteia essa pesquisa é o da escuta infantil, pois para que as crianças sejam protagonistas em suas próprias vidas e tenham participação ativa na sociedade, se faz necessário que sejam ouvidas, em todos os sentidos, levando em consideração todas as diversas formas de comunicação infantil, como a fala, a falta da fala, a brincadeira e as expressões artísticas.

A inspiração para esse trabalho vem da minha observação da potência infantil, como uma pessoa que cresceu com 6 irmãos, em maioria mais novos, estando sempre em contato com a infância e suas brincadeiras e expressões artísticas. Além da convivência com crianças, minha inspiração também parte da minha própria infância, recheada de experiências artísticas, pude sentir o poder do consumo da arte e da expressão artística própria. Neta de avó artista, e de uma

família que apesar de não ter perseguido a arte como profissão, sempre esteve presente o fazer artístico em diversas formas, seja pintando e criando com argila e papel machê, tocando instrumentos, cantando e dançando, ou fazendo pequenos vídeos de brincadeiras que se transformavam em produções cinematográficas feitas por mim e meus irmãos ainda crianças.

Esse estudo ainda atravessa minha experiência pessoal quando descubro a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, experiência que demonstra o protagonismo infantil em sua essência, e que norteia este trabalho, no estado do Ceará, de onde vieram meu pai, avó e tios, assim como toda minha família paterna.

CAPÍTULO 1 - A PERCEPÇÃO E A HISTÓRIA DA INFÂNCIA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA

Para traçar um parâmetro sobre o modo em que as crianças são vistas pela sociedade adultocêntrica ocidental contemporânea, farei um breve histórico da criação e da evolução histórica do conceito de infância, partindo da exposição de uma história européia que tem grande influência nas visões ocidentais da infância. Philippe Ariès, em seu livro “A história social da criança e da família” (1981), faz uma análise de obras das artes visuais e textos literários para entender essas visões por meio da representação da criança, como espelho de uma sociedade, e fazer um parâmetro a partir da família medieval à família moderna.

Ariès (1981) pontua que, aproximadamente a partir do século X, havia uma grande indiferença com relação ao sentimento da infância, visto que estas não eram representadas nas obras de arte da época. Quando havia uma representação, era por meio de pinturas idênticas à representação de adultos, porém em menor escala, sem os traços característicos da infância. Nesse período, não havia uma diferenciação entre ser criança e ser adulto, porém a partir do momento em que a criança não corria mais risco de vida e podia se comunicar — mais ou menos 7 anos — ela já era inserida no mundo adulto. Essa indiferença se dava principalmente pela alta taxa de mortalidade infantil. Era comum que as famílias tivessem muitos filhos e poucos sobrevivessem. Ariès também coloca que apesar de não se ter esse entendimento de infância, e de haver uma indiferença a respeito das particularidades típicas desta fase da vida, isso não significa que havia desprezo, ou que não havia o sentimento de afeto com os pequenos.

Já no século XIII, começam a ser percebidos alguns sinais de maior sensibilização com a figura infantil. Mesmo ainda com uma alta taxa de mortalidade, há uma cristianização da população, que logo influencia a visão sobre as crianças, que passam a ser vistas como seres providos de alma. As obras de arte da época, passam a representar anjos, e a figura do menino Jesus, retratada a partir de figuras infantis. Os pais, também começam a ter pinturas de retratos dos filhos pequenos e a literatura passa a trazer personagens infantis, com personalidades e jargões típicos da infância, como descreve Ariès:

“Essas cenas de infância literárias correspondem às cenas da pintura e da gravura de gênero da mesma época: são descobertas da primeira infância, do corpo, dos hábitos e da fala da criança pequena”. (Ariès, Philippe 1981)

Segundo Ariès, esse sentimento de não reconhecimento da infância - em que o mundo adulto e o mundo infantil e suas atividades se misturam - perdura mais ou menos até o final do século XVI. Ao longo do Século XVII, esse reconhecimento da infância como fase e a percepção da diferenciação entre a criança e o adulto, começam a atingir todas as camadas sociais. A partir deste momento, começam a ser notadas outras mudanças como o sentimento de “paparicação”, que é o sentimento gerado pela sensação de relaxamento e distração que as atitudes infantis influem nos adultos, os divertindo com sua ingenuidade, gentileza e graça, um sentimento antes exclusivo de mães e amas, que passa a ser mais geral, e que provoca também um sentimento contrário a isso, como uma amargura de pessoas que começam a se incomodar com essa “paparicação” e com a atenção especial que as crianças passam a receber.

É a partir desse sentimento tão contrário à “paparicação”, segundo Ariès, que começam os movimentos que inspiraram a educação do Século XX, por meio dos educadores e moralistas do Século XVII que passam a ter um interesse mais psicológico para com a infância, repelindo este sentimento de “paparicação”, e procurando por meio da educação algo como uma “cura” para essa irracionalidade e o desajuste que eles viam em torno da infância. A partir disso, começam estudos psicológicos e educativos para entender a mente infantil e buscar uma maneira de podar essas atitudes típicas da infância.

A escola então passa por várias mudanças. Uma escola que na Idade Média não fazia separação por idade e que era apenas um local de aprendizado para quem quisesse e pudesse estudar (visto que nessa época a maioria das pessoas não tinha acesso ao ensino), passa a ser voltada para a infância e adolescência e a durar mais tempo. A partir da Revolução Industrial, a escola passa a ser, além de um espaço de aprendizado, um lugar rigoroso, que passa também a ensinar valores e disciplinar seus alunos para a construção de cidadãos morais, e futuros trabalhadores da indústria. Como característico desse período, há uma lógica industrial que busca estabelecer padrões e não respeita as particularidades de cada indivíduo. A busca intensa por estudos educacionais e psicológicos para compreender as maneiras mais eficazes de se promover o desenvolvimento humano em cada faixa etária permitiu obter controle sobre as massas, no contexto da expansão do capitalismo.

Essa sociedade capitalista e industrial valorizava o conhecimento — herança do iluminismo — Nesse momento, as crianças passam a precisar ser instruídas sobre as ciências e os saberes desde muito cedo. O advento da escola é um dos movimentos marcantes, além da consolidação do papel social da família, que marcam uma separação entre o mundo adulto e o mundo infantil, imagem que temos do papel social do adulto e da criança até os dias de hoje, como modelo social. A criança que costumava ter mais liberdade e conviver indiscriminadamente com adultos, passa a ser mais cerceada. Isso deve-se não exclusivamente à recente separação entre o mundo adulto e o mundo infantil, como também deriva do cuidado maior que os pais passam a ter com as crianças, com mais preocupações, e dessa maneira, estabelecendo mais limites.

Apesar da criança não ter mais essa mesma socialização, em que o mundo adulto e o mundo infantil se misturam, passaram a socializar muito mais com outras crianças por conta do advento da escola, que separa os alunos por idade e é onde passam grande parte do dia, porém o conhecimento tornou-se acessível, devido à ampliação da escolarização. Mas percebemos que hoje, há um grande afastamento entre o que é para adultos e o que é para crianças, é tudo muito delimitado - ao contrário do que acontecia na Idade Média, já que não se havia criado ainda o sentimento de infância -. Apesar da importância de haver essa diferenciação e de se respeitar que há uma particularidade específica entre ser adulto e ser criança, uma total separação é prejudicial para ambos os lados, pois como uma sociedade plural, devemos conviver também com aqueles que são diferentes, respeitosamente.

Apesar de muitos avanços na discussão sobre os direitos humanos, um assunto latente na contemporaneidade são as opressões como machismo, racismo, lgbtfobia e o classismo. Mas pouco se fala do preconceito contra a infância, como se fosse diferente dos outros tipos de intolerância, como se fosse mais passível de aceitabilidade. Movimentos como o *childfree* promovem discursos de ódio contra crianças e estabelecem violações ao direito de ir e vir delas.

O movimento *childfree* surgiu nos Estados Unidos, na década de 80, com o pretexto de dar voz às pessoas que não tinham interesse em ter filhos e se sentiam oprimidas quanto à falta desse desejo. Surgiu com os argumentos de que ninguém é obrigado a ter filhos, que é uma escolha própria e pessoal e deveria haver respeito de ambas as partes - pessoas com e sem filhos - porém, o movimento foi

tomando outras proporções e começou a ser marcado não só por pessoas que não desejam procriar, mas também pelas que se veem no direito de não gostar de crianças, e não conviver com elas. A partir do *childfree* também começa a ser falado em espaços com essa intenção, de não permitir a entrada de crianças, pelo simples fato de que os frequentadores desses locais teriam o direito de não conviver com as mesmas.

Na matéria do BBC News (2017) 'Não aceitamos crianças': avanço da onda 'childfree' é conveniência ou preconceito?" de Paulo Adamo Idoeta, o jornalista apresenta argumentos favoráveis e contra o movimento, de duas advogadas distintas. Os argumentos utilizados a favor desse movimento partem do direito à propriedade privada, a advogada Fabíola Meira, doutora em direito das relações de consumo argumenta: "Há quem diga que pode haver preconceito, mas acho que locais privados podem adotar um modelo de negócios para um público diferente (que restrinja crianças), com base na livre iniciativa [...] Não é algo contra uma raça ou nacionalidade, que seria uma discriminação.", contanto que haja aviso prévio e claro ao consumidor.

Já os argumentos contra falam sobre o direito de ir e vir, pertencente a todos os cidadãos, inclusive crianças e adolescentes, que também são cidadãos detentores de direitos como qualquer um, ademais, tal ato viola o direito de ir e vir daqueles que são pais e mães, que não só podem precisar levar os filhos aos locais, como também têm o direito de querer frequentar lugares junto aos filhos. Isabella Henriques - representante do Instituto Alana, organização que defende os direitos infantis, nesta mesma matéria, pontua: "o veto é discriminatório sim, por estar excluindo um segmento da sociedade. Abre precedentes para se excluírem também, por exemplo, pessoas com deficiência [...] O fato de um estabelecimento ser privado não o exime de ter de cumprir a Constituição, que em seu artigo 5º diz que todos são iguais perante a lei, e que no artigo 227 diz que crianças e adolescentes têm prioridade absoluta".

As crianças, assim como seus guardiões, já sofrem de preconceitos alheios, de olhares e comentários, por estarem nos lugares apenas agindo como crianças, gritando, correndo, brincando, "fazendo birra", chorando, tendo atitudes normais de qualquer criança, que fazem parte do desenvolvimento infantil, e que são comportamentos naturais da criança, também, dos mesmos adultos que as criticam, mas que fizeram as mesmas coisas pois também já foram crianças,

inclusive podemos perceber comportamentos similares vindo de adultos, mas que são mais criticados quando vindo de crianças.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em 1990, surge com o intuito de garantir os direitos da criança e do adolescente — entende-se como criança pessoas de até 12 anos, e adolescente pessoas dos 12 aos 18 anos —, como um instrumento legal que estabelece esses direitos e violações, para além da proteção contra as violências que a criança e o adolescente podem estar submetidos - como a agressão física e verbal, prostituição, trabalho infantil, entre tantas outras mazelas que atingem esse grupo vulnerável - o ECA também garante direitos à liberdade, alteridade e expressão. No Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069 de 13 de julho de 1990:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação. (Brasil, 1990)

Esta dissertação não pretende aprofundar os objetivos e as implicações do ECA, mas pretende demonstrar a sua aplicação no sentido das formas de opressão relacionadas à ausência de compromisso com o direito à expressão, liberdade e alteridade. Gostaria de fazer menção a atitudes de desvalorização da infância e da opinião infantil, como a constante urgência do crescimento, e a visão de um ser humano sem completude quando criança, e sim como um vir a ser adulto, que a todo tempo deve estar se preparando para tornar-se um futuro adulto, como Pereira e Jobim e Souza estabelecem no texto “Infância, Conhecimento e Contemporaneidade”, do livro “Infância e Produção Cultural” (2014) em referência a Nunes e Pereira¹, que:

O iluminismo, em seu projeto de livrar os homens do mal que representa a ignorância ou o “não saber” e torná-los senhores do mundo por via da razão, inaugura, num certo sentido, a preocupação com a criança e sua formação. Essa preocupação, porém, embora pioneira, não tinha por objetivo tratar das peculiaridades dessa “etapa” da vida. Ao contrário, olhava-a negando-a, uma vez que o que interessava é que ali estava um pequeno adulto, o homem do amanhã. Nesse momento, portanto, a

¹ NUNES, M. e PEREIRA, M. **Buscando o mito nas malhas da razão: Uma conversa sobre teoria crítica e educação** In: KRAMER, Sonia e JOBIM E SOUZA, Solange *Histórias de professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação*. Ática, 1996

infância é compreendida como uma fase efêmera, passageira e transitória que precisa ser apressada. Crescer é tornar-se um ser de razão, e esse amadurecimento, tal como as frutas da estufa, precisa ser aligeirado (Pereira e Jobim e Souza, 2014)

No momento em que se torna interessante o estudo da infância, este estudo se faz necessário para compreender a mente e a formação dos pequenos por meio de métodos científicos rigorosos já conhecidos, não reconhecendo as especificidades de cada criança. Segundo Pereira e Jobim e Souza (2014), ao fazer referência a Matos (1993) “[...] a realidade social é submetida a um método que se pretende universalizador e unitário: o método científico, organizado à base de procedimentos não sociais” (Pereira e Jobim e Souza, 2014)

Com esses entendimentos, é possível analisar que a escola e o ensino, fatores de grande importância para a formação de cidadãos, tendem a ser um tanto universalizantes, não visualizando os alunos em suas próprias formas de aprendizado e expressão, assim como seus gostos, histórias e experiências e, portanto, não respeitando a alteridade de cada um. Pontua também, a diferença de igualdade e equidade no ambiente escolar, segundo Rawls (1996), a igualdade seria o tratamento igual de todos independente das diferenças — e é o princípio usualmente utilizado nos métodos de ensino e tratamentos com os diferentes alunos —, enquanto a equidade, que seria um princípio razoável na sociedade liberal-democrática brasileira — trataria as pessoas de forma diferente de acordo com suas necessidades —.

Acredita-se que um dos maiores desafios da escola brasileira é justamente esse respeito às diferenças e a busca pela melhor maneira de aprendizado de cada um, como estabelece Sonia Kramer no texto “O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura” do livro “Infância e Produção Cultural” (2014):

“Vale acentuar que, enquanto lutamos em diferentes frentes para conquistar condições concretas para uma escola de qualidade para todos, precisamos enfrentar na escola, dia a dia, talvez um dos mais pesados e difíceis problemas da nossa própria condição humana: o apagamento das diferenças, o não reconhecimento de que aquilo que caracteriza nossa singularidade é justamente nossa pluralidade. Contra uma escola que busca a homogeneidade, penso que a escola precisa aprender a lição de que heterogeneidade é riqueza, não obstáculo.”(Kramer, 2014).

Portanto, podemos observar que é um grande desafio para as instituições das quais as crianças têm a maioria de suas vivências, a escola e a família, a valorização do pensamento e da opinião infantil, como se estes não fossem ricos e

válidos. Tal quadro pode ser assimilado também com a desvalorização da arte, que em comparação com os outros saberes e conhecimentos, é vista com menos importância. Um exemplo do senso comum é a frase, muito utilizada pelos brasileiros sobre uma criança que estaria fazendo uma bagunça, ou algo que na visão adultocêntrica não devesse estar sendo feito “ele tá fazendo arte”, algo que ao mesmo tempo que desvaloriza a ação infantil, faz o mesmo com a arte, como se fazer arte fosse ruim, e como também se o brincar da criança não estivesse correto.

No começo deste capítulo uso o termo sociedade adultocêntrica, o que quer dizer que vivemos em uma sociedade que vê o mundo pelo olhar adulto, que desqualifica outros tipos de linguagens, expressões e opiniões que não venham de adultos, e que guia as crianças para este futuro, sem levar em consideração a vivência do presente da infância, apressando-a. Como destacam Goulart e Faria (2015) no artigo “Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso”:

[...] a tentativa de silenciamento das linguagens das crianças é talvez o mecanismo mais forte presente no sistema de opressão capitalista, pois ele, ao mesmo tempo em que apaga a possibilidade de construção de novas formas comunicativas, coloniza as meninas pequenas e os meninos pequenos com uma linguagem preestabelecida, carregada de signos e significados culturais já determinados e prescritos dentro da lógica adulta. (Goulart e Faria, 2015).

Portanto, a sociedade adultocêntrica tende a silenciar as linguagens próprias da infância, linguagens essas que só são ouvidas por quem estiver disposto a escutar, visto que foge da lógica comunicativa do adulto, em que pouco se expressa com palavras, e que também não segue uma lógica científica, em que para tudo há um significado. O choro, por exemplo, nem sempre expressa insatisfação e o silêncio não determina que não há nada a ser ouvido, é relativo a cada criança. Relembrando o princípio de alteridade, as linguagens infantis nem sempre são as mesmas, e se forem, nem sempre significam o mesmo.

Uma das possíveis linguagens infantis, e que constantemente também são podadas por não seguir uma lógica social esperada, são as linguagens artísticas. No próximo capítulo irei aprofundar a relação entre a infância e a produção artística e cultural, e a importância da escuta dos pequenos, e do protagonismo infantil nesse meio.

CAPÍTULO 2 - PROTAGONISMO INFANTIL NO MEIO ARTÍSTICO E CULTURAL

2.1 Protagonismo e escuta infantil

Como visto no capítulo anterior, a sociedade brasileira ainda luta com o reconhecimento das opiniões infantis e com a escuta, e é justamente disso que se trata o protagonismo infantil, assunto recente nas pesquisas sobre infância. O protagonismo infantil nada mais é do que o exercício da escuta, de levar em conta as decisões da criança para a própria vida - lembrando que isso não quer dizer não instituir limites, ou deixar a criança fazer tudo que quiser, mas buscar um equilíbrio entre o querer infantil e o querer das instituições que lidam com a infância, como a escola e a família - permitir que a criança esteja envolvida nas decisões familiares e escolares, que tenha sua voz realmente ouvida e levada em consideração. É deixar de lado valores adultocêntricos que só consideram a opinião e os querereres adultos, sem abrir espaço para a autonomia infantil, é possibilitar que a criança não esteja sempre em uma posição passiva com relação ao seu processo de aprendizado e de vida em sociedade.

Este presente trabalho visa analisar o caso do protagonismo infantil na Produção Artística e Cultural, ou seja, na participação da criança, ser humano produzido na cultura e produtor de cultura, assim como qualquer outro, na criação de produções artísticas e culturais, que em sua maioria são feitas por adultos, tanto quando estas são voltadas para adultos, quanto quando são voltadas para a infância.

Segundo Adriana Friedmann (2020), no livro “A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias” um campo que vem crescendo, e que é muito recente, são os estudos com base na escuta ativa de crianças em suas diversas expressões, segundo a autora: “Investir e se aprofundar em tais processos de escuta e pesquisa abre a possibilidade de - com os resultados e as produções obtidos - construir novos conhecimentos, originados a partir das vozes e expressões das próprias crianças”.

A empatia pode ser uma grande aliada nos processos de escuta infantil, ao se reconhecer na criança, o adulto abre possibilidades de escuta e de compreensão. A produção artístico-pedagógica infantil também pode ajudar nesse

processo visto que, no geral, as expressões artísticas são também ferramentas capazes de possibilitar conexões humanas e empáticas, são formas das pessoas se reconhecerem nas outras e enxergarem por outras perspectivas que não só as próprias. No caso da produção artística e cultural infantil, além de influenciar um olhar empático, ela também pode colocar os adultos em contato com sua criança interior, pois todos que são adultos hoje, já foram crianças um dia, crianças passadas que ainda se fazem presentes nas vivências do adulto, mesmo que apagadas ou esquecidas.

Ao reconhecer e relembrar sua criança passada, com suas vivências e perspectivas, fica mais fácil compreender e reconhecer as particularidades de cada criança, abre caminhos para uma escuta ativa e a possibilidade da participação da criança nas decisões de sua própria vida, se tornando protagonistas de suas próprias histórias, e de uma história coletiva que se constrói a cada dia.

É também na infância, segundo Friedmann (2020), que já é possível perceber as essências individuais de cada pessoa, e de sua forma mais transparente, já que, apesar de já terem um certa influência dos fatores culturais, sociais e familiares que as cercam, as crianças ainda não estão tão inseridas e influenciadas cultural e socialmente como os adultos.

Friedmann explica que, quando se fala de cultura infantil, é necessário pensar de duas maneiras, que existe uma certa cultura infantil universal, repleta de elementos tipicamente infantis, características que se relacionam com o ser criança, e também a cultura individual em que cada criança está inserida, e que depende do local onde a criança é criada, das influências da família, da escola, da religião, da etnia e muitos outros fatores que se interseccionam com uma cultura infantil universal.

2.2 Criança, imaginação e fantasia

Parte da cultura infantil universal existe o brincar, para os adultos pode parecer algo banal, porém brincar é coisa séria, é uma das maneiras como a criança se comunica com o mundo e produz e reproduz sua visão do entorno e de seus conhecimentos, assim como a produção artística e cultural infantil. A brincadeira, também é comunicação e expressão, faz parte do entendimento da criança com o mundo e com suas vivências e perspectivas, é essencial para o

desenvolvimento infantil e, além de linguagem, é também aprendido, segundo Friedmann (2020):

“Na infância ocorrem processos de produção e reprodução cultural infantil, sistemas simbólicos acionados pelas criações que dão sentido às suas experiências [...] elas recriam a sociedade a todo momento, exercendo papel ativo na definição de sua própria condição”

Ao pensar o sentido do brinquedo ao brincar, Benjamin (2002) analisa que o brinquedo é feito por adultos para crianças, e assim também, pensado de uma maneira e com uma finalidade, de uma perspectiva adulta, porém ao observar o brincar se percebe que ao mesmo tempo que aquele brinquedo foi criado por um adulto, ele também foi criado pela criança que inventa novos sentidos e brincadeiras, e em muitas vezes não atende às expectativas que se criam em como se deve ser brincado. A imaginação e a criatividade ultrapassam qualquer sentido que pode ter sido criado para um fim, que é reproduzido pela infância, mas que por ela também se produzem novos meios, fins e significados. Parte do processo de protagonismo infantil é, para além dos brinquedos feitos por adultos para crianças - por mais que estes sejam recriados pelas próprias crianças diariamente -, estender a possibilidade da criação de brinquedos por elas mesmas.

A criança tem a capacidade de colocar ludicidade em suas ações mais simples - ao brincar, não está só fantasiando, mas realinhando o real, tecendo sua estrutura de compreensão com o mundo. A brincadeira é um aprendizado sociocultural que se manifesta das mais diferentes formas. Produzindo seus próprios brinquedos, as crianças registram sua história e a história de suas famílias; o desenho é também uma forma de brincadeira infantil; é também uma forma de registro histórico, social e cultural. (Leite,2014)

Isso se dá pois a imaginação da criança e do adulto funcionam de diferentes maneiras, segundo Vigotski (2004), a imaginação faz parte de um de dois tipos de atividades do cérebro humano, existe a atividade reprodutiva, que relembra experiências anteriores, e existe a atividade combinatória ou criadora, de onde parte a imaginação, em que se é possível vislumbrar o que não foi vivido, e portanto, imaginado. “O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento” (Vigotski, 2004). A imaginação infantil é diferente pois tem menos experiência acumulada do que a imaginação adulta, portanto a criação infantil não

é mais imaginativa que a do adulto, porém é vista com mais originalidade, e que, justamente por não ter tido contato com tantas experiências, é mais fantasiosa.

Essa fantasia e imaginação infantil pode trazer perspectivas muito diferentes das que os adultos estão tão acostumados a pensar e exercer, traz uma visão que já fez parte de todos, mas que com o tempo e com a maturidade vai se esvaindo, e há uma importância no crescente campo dos estudos para o exercício da escuta infantil, justamente para expandir horizontes e se prestar atenção na potente perspectiva da criança, e no reconhecimento dos saberes infantis em um mundo tão adultocêntrico. A criatividade é grande parte dos processos de produção artística e cultural, visto que a criança tem grande riqueza fantasiosa e imaginativa, se chega à conclusão de que existe um grande potencial infantil para essas produções.

As crianças marcam a possibilidade de ampliação das múltiplas formas de linguagem, pois, subvertendo a ordem, mostram aquilo que frequentemente o mundo adulto obscurece, esconde. Essa possibilidade de transgressão, de ampliação, é fundamental especialmente para o estudo da infância com base em suas manifestações culturais (Leite, 2014)

Sendo assim, a produção artística e cultural infantil, como uma visão da criança do mundo que a cerca, da sociedade e comunidade em que vive, e de todos os contextos em que ela está inserida, promove uma visão única, que raramente é ouvida. A arte infantil, assim como o brincar é uma poderosa forma de comunicação, e faz grande parte dos processos de escuta infantil, já que as formas de expressão da criança nem sempre são faladas, e para realmente escutá-las, é necessário que se preste atenção a outras maneiras de comunicação.

2.3 Escola, arte e o potencial infantil

A todos que viveram a experiência escolar, é possível perceber que o sistema de ensino brasileiro, se utiliza de técnicas de ensino em que os alunos ocupam uma posição passiva, com poucos momentos de escuta e construção conjunta. Além disso, não dão o devido valor ao ensino da arte, e assim como a sociedade brasileira, nivelam os tipos de conhecimento, em que as ciências biológicas e exatas teriam mais valor do que as ciências humanas e mais ainda que a arte e a cultura. Neste trabalho não se pretende valorar os tipos de conhecimento, mas reconhecer que cada um possui sua importância e seu papel

na construção, manutenção e crescimento de uma sociedade, segundo Sonia Kramer “Não podemos reduzir o conceito de conhecimento a sua dimensão de ciência e a uma dada concepção de ciência, deixando de fora a dimensão artística e cultural”

A arte, apesar de desvalorizada, faz parte do currículo escolar obrigatório, segundo o artigo 26 da Lei N° 9.394 de 20 de dezembro de 1996:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 2013)

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Brasil, 2010)

Portanto, é parte de todo o sistema educacional brasileiro, a obrigatoriedade do ensino da arte, porém segundo Maria Isabel Leite (2014), a grande maioria das escolas brasileiras, promovem um ensino da arte histórico e técnico, deixando de lado o teor criativo da mesma, e buscando exercícios reprodutivos que impedem a autonomia e a imaginação infantil, além de podar o fazer artístico como forma de expressão e comunicação com o mundo.

O corpo, a voz, o desenho da criança são formas variadas de buscar compreensão e comunicabilidade com o mundo. Em contrapartida, estabelecer um horário-padrão, com uma técnica dirigida, é aniquilar experiências e descobertas, reduzi-las a exercícios psicomotores e cópias de modelos estereotipados a serem julgados pelos adultos. Como pode a criança decodificar os sinais, penetrar nas regras, repensar o estabelecido, se, todo tempo, há alguém para lhe dar modelos a serem seguidos e copiados de forma imperiosa e inquestionável? (Leite, 2014)

O estímulo do protagonismo infantil em um parâmetro geral pode trazer diversos benefícios, tanto para a criança quanto para a sociedade em que ela está inserida. Como sociedade democrática não faz sentido que um certo grupo social, nesse caso as crianças, seja deixado de fora das decisões em diversos âmbitos, seja na vida política, nas escolas, famílias, comunidades etc. Especialmente se essa tomada de decisões impacta direta ou indiretamente a vida desse grupo. Para além de se pensar os benefícios que se pode ter em uma futura vida adulta da criança, há de se pensar nos benefícios que o protagonismo infantil em diversas esferas traz para o presente da criança e da sociedade.

Se pensa muito no que as ações com a infância podem impactar na vida societária futura, visto que atualmente, na maioria dos casos, é quando se atinge a maioridade que se passa a ter voz ativa na sociedade, porém com o protagonismo infantil, apesar de afetar positivamente o futuro adulto, justamente por tirar a criança da condição de passividade na sociedade, essa construção já provoca diversos benefícios na infância. O fato da criança ter poder sobre sua própria vida e ter opinião nos seus espaços de vivência, promove mais autonomia, tanto para a criança quanto para o futuro adulto, a criança passa a entender que sua voz tem valor, e não só a sua voz como a de outras crianças e adultos, o que faz com que ela tenha respeito por suas próprias opiniões e pensamentos, assim como com as opiniões e pensamentos alheios, que não cabem em uma posição hierárquica de importância.

É de se pensar o protagonismo infantil para uma sociedade cada vez mais avançada democraticamente. Assim como historicamente diversos grupos sociais vieram tomando seu lugar na sociedade e bradando sua voz, chegou a vez das crianças de seguirem esse mesmo caminho. Historicamente a sociedade brasileira valoriza a opinião de poucos, assim como apenas esses poucos tinham seus direitos plenos e respeitados. Apesar das conquistas de grupos sociais distintos, há um longo caminho pela frente para que a sociedade brasileira atinja um lugar de equidade entre os grupos, porém é um lugar que caminha, mesmo que a passos lentos, visto a conquista de direitos pelas mulheres, pelos negros, pelos LGBTQIA+, pelos indígenas, pelos pcd's, pelos pobres, conquistas que atingem diretamente as crianças pois além de crianças suas identidades também se interseccionam com diversos outros grupos sociais, porém chegou a hora do grupo social infantil de garantir seus direitos, e que estes sejam respeitados, e de ocupar um lugar na sociedade que não seja o de submissão, mas o de participação e protagonismo. Carla Akotirene define a interseccionalidade não no somatório de opressões vividas por um indivíduo, mas sim uma encruzilhada de estruturas, em que não se pode combater apenas um tipo de opressão deixando de lado as outras, pois elas sempre estarão interligadas nas identidades de uma sociedade cisheteropatriarcal, racista e capitalista, e como vimos no presente trabalho, também adultocêntrica. Durante toda essa dissertação trago como o pensamento e a opinião infantis são apagados e não valorizados, porém como em toda nossa sociedade, as intersecções que também atravessam as crianças, também

influenciam nesse fato, por exemplo, uma criança branca, apesar de não ter sua voz ouvida na sociedade por ser uma criança, acaba sendo muito menos apagada do que crianças pretas.

Neste trabalho, traçamos um parâmetro geral do conceito de protagonismo infantil, porém ele visa analisar mais aprofundadamente, a aplicação deste conceito nas esferas da produção artística e cultural. Anteriormente no texto falei sobre como as escolas acabam engessando o ensino da arte, assim como de outras matérias, passando exercícios artísticos limitadores, como colorir dentro de uma imagem, ou reproduzir uma cópia, e com o ensino da história da arte. Não digo que são elementos que não são importantes ao ensino da arte, porém é necessário pensar além, principalmente se falando da arte, que historicamente tem características de libertação.

Um bom exemplo disso seria a abordagem triangular de ensino da arte de Ana Mae Barbosa (2012), a educadora brasileira criou um método de ensino da arte que possui três vertentes, essenciais para o aprendizado artístico. Existe a contextualização, que seria o ensino da história da arte, seus personagens marcantes, movimentos artísticos e suas características, essencial justamente para que haja uma contextualização e conhecimento dos caminhos da arte. A segunda vertente seria a interação com obras de arte, a apreciação e interpretação de diferentes obras, trazendo visões e exemplos. A terceira seria o fazer artístico, portanto se há um conhecimento prévio sobre história, técnicas, além da observação de outras obras, que capacitam o aluno a exercer sua criatividade e se comunicar por meio do fazer artístico.

Essa abordagem seria então, um jeito de entrelaçar o estudo teórico, prático, e a ação, de uma maneira não limitadora, e que trabalhe com uma base de conhecimento, claro que atrelado a um fazer artístico menos reprodutivo e limitador, que incentive a criação e a criatividade, assim como a comunicação por meio da arte.

Outra parte importante da abordagem triangular de ensino é a interação da criança com obras de arte e elementos artísticos, portanto também é essencial o consumo de cultura e arte, por meio da escola. Que as crianças assistam filmes e desenhos, frequentem museus, vão à espetáculos de dança, circo, teatro, shows musicais. Todos estes são essenciais para a formação do ser humano, e portanto também da formação infantil.

É necessário se pensar o acesso à cultura e arte como direito básico de todo cidadão brasileiro, assim como o direito à moradia, alimento, água e saneamento básico, a cultura também é essencial para a vida, e precisa ser vista como um direito, não como luxo, ou algo banal na vida das pessoas. Sonia Kramer, ao definir a cultura como direito básico, a relaciona que o ar que se respira, e estabelece que é essencial para escolas a formação cultural: “[...] uma escola básica que se compromete com a cidadania e com a democracia precisa ter na formação cultural um de seus elementos básicos, volto a dizer, como o ar que respiramos”.

Kramer também discorre sobre a importância da presença da produção cultural nas escolas, seja no acesso à produções culturais, como citado anteriormente, seja no exercício da produção cultural feita pelas próprias crianças, que são como todos, cidadãos produtores e reprodutores de cultura.

“[...] a experiência com a produção cultural contribui de maneira básica na formação de crianças, jovens e adultos, pois resgata trajetórias e relatos, provoca a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos e que nos produz, suscita o repensar do sentido da vida, da sociedade contemporânea e, nela, do papel de cada um de nós (Kramer, 2014)

Ao longo deste capítulo foi discutido o papel da produção artística e cultural infantil como ferramenta de expressão, e como facilitadora dos processos de escuta infantil, portanto é importante discorrer também sobre os processos de análise dessas discussões. A toda obra de arte existe a intenção do artista e a interpretação do espectador, ambas essenciais para a criação artística e para a composição da obra, afinal estaria completa uma obra de arte sem a visão do espectador?

É nesse parâmetro que é possível pensar a interpretação do espectador sobre as produções artísticas e culturais infantis. As obras infantis nada se diferem das adultas nesse quesito, ambas necessitam da interpretação do espectador, e portanto, que vá além de um simples elogio, e que para além de olhada, seja vista, para além de ouvida, seja escutada.

É notável que a criação artística infantil não é vista com tanta seriedade como as obras de artistas conhecidos e renomados. É de se questionar porque os adultos conseguem encontrar tantas interpretações para obras de artistas

renomados (e adultos), mesmo que estas sejam abstratas e extremamente abertas a interpretações, porém não tem a mesma capacidade com os desenhos infantis, com a justificativa de uma falta de padrões estéticos que também não são seguidos por estes artistas. Porque um “rabisco” adulto teria mais valor que um “rabisco” infantil? Porque um poderia ter tantos significados e outro não? Talvez seja porque, como visto constantemente ao longo deste trabalho, as opiniões, vontades e conhecimentos dos adultos são muito mais valorizados que os da criança, pela existência de uma sociedade adultocêntrica que não leva a participação e o protagonismo infantil em consideração.

É possível pensar também, o protagonismo infantil na produção artística e cultural para além das estruturas de família e escola. Os trabalhos com crianças vem se expandindo, e essa interação e educação pode ser reconhecida também em museus e centros culturais que possuem setores educativos e que instigam atividades artísticas com as crianças. Há também projetos culturais que tem a infância como público alvo, sejam festivais infantis, projetos educativos e com oficinas, espetáculos etc. Assim como ONG’s e Instituições que trabalham com as crianças.

As interações de instituições e projetos com crianças podem se dar ao se observar uma necessidade de acesso à e ensino de cultura e arte que necessita ser suprida ou até mesmo de maneira espontânea, como a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, no Ceará.

A Fundação possui um Centro Cultural em Nova Olinda, e que surgiu inicialmente com a intenção de atingir os jovens da região como público alvo, porém, espontaneamente, as crianças começaram a tomar conta do lugar. Elas sempre estavam por perto, observando e absorvendo, até que, com a chegada de visitantes, elas começaram a organicamente mediar as visitas. Vendo isso, o gestor do Centro Cultural, Alembert Quindins, foi incorporando as crianças no dia a dia do espaço, e hoje o lugar é gerido pelas próprias crianças, e os adultos estão lá como facilitadores para ajudarem nas produções infantis.

O Memorial do Homem Kariri é um exemplo perfeito da ação do protagonismo infantil, e de como os adultos podem ser colaboradores nesse processo. Além da Fundação existem algumas outras instituições espalhadas pelo Brasil que trabalham com métodos semelhantes, de protagonismo infantil, seja nas

esferas da arte e da cultura, do esporte ou da política, o Brasil possui exemplos de Instituições públicas que comprovam os benefícios do protagonismo infantil.

Cada vez mais se criam possibilidades com o protagonismo infantil no Brasil, em que a criança sai de uma posição passiva de submissão, em que suas opiniões e quereres não importam, e passam a ser vistas e ouvidas, e de fato fazer parte, ainda enquanto crianças, da construção de mudanças na sociedade brasileira, e de uma sociedade que cada vez mais, as respeitam e as levam em consideração.

É importante ressaltar também, que é essencial que essas experiências se deem por um viés acessível, ou seja, do ponto de vista de escolas públicas, ONG's, Museus e projetos gratuitos, e em diferentes localidades, que acessem as periferias do Brasil, pois de nada adianta ter disponíveis escolas e experiências que utilizem esses métodos tão benéficos para os pequenos, mas que só possam ser acessados por famílias que possam, e queiram pagar por isso.

Como sociedade liberal democrática, como discutido anteriormente neste capítulo, o acesso à cultura e arte, ao entretenimento e às diversas formas de produções culturais deste país, é essencial, e deveria ser considerado direito básico de todos os cidadãos brasileiros, inclusive as crianças, e portanto, também é essencial que todas as crianças possam usufruir de estar em uma posição de protagonismo infantil e de participação da sociedade brasileira, seja na produção artística e cultural, seja em outras vertentes, na escola, na família, em suas comunidades etc.

A participação de crianças em conselhos participativos já é uma realidade em alguns lugares do Brasil, sejam instituições ou comunidades, e nada mais justo que as crianças possam ter voz no que impacta direta e indiretamente em suas vidas. No próximo capítulo irei dar atenção especial ao caso da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, como experiência brasileira que trabalha com a participação das opiniões infantis, com o protagonismo infantil e com a escuta, no âmbito da produção artística e cultural, que é o foco deste trabalho.

CAPÍTULO 3 - O CASO FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

No capítulo anterior discutimos os benefícios de experiências artísticas pedagógicas de protagonismo e participação infantil, experiências que valorizam os saberes das crianças e em que os adultos exercitam a escuta ativa com essas crianças. Neste capítulo iremos mapear e discutir ações da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri.

A Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri é uma ONG brasileira sem fins lucrativos localizada em Nova Olinda, interior do Ceará. A organização é o exemplo perfeito para se falar de protagonismo infantil nas experiências artístico-pedagógicas, visto que a fundação é administrada e constantemente recriada em suas experiências por crianças e adolescentes e é um espaço completamente fora da curva, que em seu surgimento já conta com a essência do protagonismo infantil, uma vez que o fato do espaço ser administrado por crianças se deu de maneira orgânica e natural.

A Fundação Casa Grande teve seu início em 1992, pelo neto do dono do espaço, Francisco Aemberg e sua esposa Rosiane Limaverde. Os dois pesquisavam sobre a música pré-histórica do povo indígena Kariri, que habitava a região que sediava a Fundação, que iniciou por conta do Memorial do Homem Kariri, exposição que apresentava os resultados das pesquisas realizadas pelo casal, assim como artefatos arqueológicos do povo, pesquisa essa que, como conta Aemberg, foi inspirada em sua infância, em que ouvia as histórias e via artefatos do povo, na casa de uma mulher Kariri que ele frequentava.

A Fundação, em seus primeiros 5 anos contava apenas com os dois trabalhando e com doações de 100 reais mensais, e algumas doações dos próprios gestores, ou seja, pouquíssimos recursos. Porém, quando a Fundação surgiu, a ideia era fazer um trabalho voltado para os jovens da região. Quando foi aberta, muitas crianças da região que já brincavam no pátio da instituição - e como frequentadores diários criavam brincadeiras e campeonatos - começaram também, naturalmente, a cuidar do lugar que fazia parte do seu dia a dia. Além de cuidarem para que o espaço estivesse limpo e arrumado, de tanto observarem as mediações feitas no espaço museal da Fundação, as crianças começaram a,

organicamente, mediar as exposições para os visitantes que chegavam no local. Como discutimos no capítulo anterior, a criança é produzida na cultura e também produtora e reprodutora de cultura, e por meio do brincar e de outras formas de expressão, revela ao mundo aquilo que ela ouve, sente e observa, e no caso das crianças frequentadoras do Memorial do Homem Kariri, não seria diferente, elas observavam e absorviam as histórias e memórias presentes no local, e passavam adiante para quem estivesse visitando, assim como observavam os mediadores fazendo o mesmo e, por conta própria, sentiram a vontade de estar também nesse lugar, de ensino e aprendizado.

Alemberg conta, em entrevista para este trabalho, que o trabalho na Fundação se espelha em sua infância, e que surgiu justamente desse contato com sua criança interior, que sempre esteve presente.

“A gente continuou uma brincadeira de criança, eu tive minha infância e essa infância minha eu dei como uma forma de dar continuidade nela, foi institucionalizar ela pra que eu pudesse continuar, tendo aquele gibi que eu sempre sonhei e não tinha condição de comprar quando era menino, tendo o brinquedo que eu sempre tive vontade, tá entendendo? De ter um espaço que eu pudesse brincar. Então, na realidade, é isso, a casa grande não tem muito mistério não, não tem saber pedagógico, não tem essas coisas que muitas vezes as pessoas na faculdade estudam, de uma forma tão complicada.” (Alemberg, 2022)

Portanto, como ele explica, os saberes utilizados na construção da Fundação, não são saberes acadêmicos, e sim de vida, que partem tanto dele como adulto e sua criança interior, quanto das crianças, adolescentes e jovens que fazem parte da Casa. Alemberg explica que muitos acadêmicos chegam no espaço discutindo teorias com ele, que estão em consonância com a essência da Fundação Casa Grande, e apesar da construção dessa essência não ser baseada nesses saberes, eles acabam se encontrando, e mesmo sem intenção, a Casa se torna um objeto de estudos acadêmicos em diversas áreas da infância, educação e de uma variedade de linguagens artísticas. Apesar de não ter estudado infância e pedagogia, a sensibilidade da observação e da escuta para com as crianças, acabou se tornando algo tão bonito, respeitoso e educativo, que se tornou estudo de caso para diversos estudantes que viam na Fundação Casa Grande, a personificação desses novos estudos sobre modelos de ensino menos engessados e que partem para muito além do saber adulto e acadêmico sobre a infância, mas que busca escutar as crianças, enquanto ainda são crianças, e também escutar sua própria criança interior, essa que sempre fomos um dia, e que se

encontrarmos lá no fundo, nos ajuda a ver as coisas de uma perspectiva diferente, além de alimentar uma maior compreensão com a infância.

Antes mesmo da reconstrução da casa do avô de Alemberg, as crianças já brincavam na parte externa da casa e, quando ele chegou, esse primeiro contato se deu com sua participação nas brincadeiras delas. Seguindo o olhar de reconexão com sua criança interior, ele conta que além de passar o dia inteiro escalando árvores e nadando no rio em sua infância, parte das suas brincadeiras eram manifestações artísticas e culturais, como por exemplo o cinema que criou em sua casa, com uma lanterna e imagens, inspirado no primeiro filme que viu no cinema. Enquanto todos observavam o filme ele, com seu curioso olhar característico da infância, observava e imaginava como tal coisa era possível, e como ele poderia fazer seu próprio cinema, e assim o fez, com lanterna e gibi. Além do seu cinema, que várias crianças da comunidade frequentavam, ele também tinha uma banda de latinha, com bateria e violão feitos por ele e seus amigos, além de um programa de rádio na rádio de seu pai. Como discutido no capítulo anterior, a produção artística é uma das várias possíveis brincadeiras de criança, e uma forma de se comunicarem com o mundo e a sociedade em que vivem, e de replicar aquilo que veem e vivenciam, de sua perspectiva infantil.

Ao observar as iniciativas das crianças e perceber o potencial delas, Alemberg foi naturalmente dando seu apoio às ações criadas por elas, e foi dessa maneira que organicamente foram surgindo as atividades que existem hoje na casa, e que são administradas pelas próprias crianças e que foram criadas pelas suas vontades de fazer, com apoio dos adultos que trabalham no espaço para possibilitar essas experiências artístico-pedagógicas em que as crianças aprendem fazendo, e também compartilham conhecimentos umas com as outras e com os adultos. Alemberg trouxe para a casa, junto das crianças, essas manifestações artísticas que ele mesmo fazia na infância, e esse contato com sua criança interior, que nunca foi perdido, possibilita que ele, como adulto, enxergue as coisas de outra maneira, e tenha sua perspectiva baseada em um lugar que já esteve, e que hoje é ocupado por outras infâncias.

A ONG não conta com um método de ensino como o que é utilizado nas escolas - na verdade, como Alemberg explica, ele não usa nenhum método específico, apenas a empatia e a sensibilidade de entender a criança como um ser humano, como um cidadão como qualquer outro, que tem suas opiniões,

pensamentos e vontades. - Talvez seja por isso que as crianças gostem tanto de frequentar o local e aprender e brincar por lá, além do fato de que não são assuntos e habilidades que são normalmente ensinados nas escolas. Muitas das vezes um adulto que detém um conhecimento de algo que é de interesse das crianças, como por exemplo, produção de vídeos, ensina uma das crianças voluntariamente, e essa criança vai passando adiante seu aprendizado, e assim uma aprende com a outra, a mesma criança que em um momento está sendo ensinada sobre algo, em outro momento está ensinando as outras. Desta maneira é cultivado um tipo de aprendizado mais horizontal, que não parte de um princípio de idade ou de formação escolar e acadêmica, e que também parte do interesse das crianças sobre o que elas tem vontade de aprender e produzir. Com esse tipo de protagonismo infantil, a criança vê seus saberes e opiniões valorizados, pois além de aprenderem com os adultos, aprendem com outras crianças assim como ela, e se veem nesse local de transmissão de conhecimento, partindo também em outro momento, a ensinar outras crianças o que foi aprendido, dessa forma além das crianças se sentirem valorizadas e importantes, também é trabalhada uma maior autonomia, visto que naturalmente as crianças escolhem aprender e ensinar.

Segundo Alemborg, a casa possui uma relação com as escolas da região em que, além dos “meninos das casa grande” serem crianças bastante envolvidas com a escola, as turmas de alunos são sempre convidadas para os eventos da Fundação. Ele conta sobre a importância de levar a escola para fora de seus muros para esse tipo de atividade, visto que as experiências não teriam seu potencial máximo se fossem cerceadas pelas limitações escolares, e por isso o ideal é o convite para que os alunos ocupem aquele espaço e usufruam de suas programações culturais criadas pelas crianças, que participam de todo o processo. Não é por ser um espaço com ensinamentos e experiências muito diferentes das escolares que o espaço não vê a importância da escola, e tenta sempre trazer a instituição para perto, fazendo com que o centro cultural, assim como a escola e a família - entidades mais presentes na vida infantil - trabalhem em conjunto buscando o benefício, aprendizado e valorização da infância, tirando as escolas de trás de seus muros, e tirando também as experiências do Memorial do Homem Kariri para além de seus muros e buscando atingir também crianças que não buscaram o espaço por conta própria.

Assim como o conceito de protagonismo infantil explicado anteriormente neste trabalho, a Fundação parte dos interesses das crianças e, portanto, da escuta infantil, porém sem significar que não existam regras e limites, mas sim uma coexistência entre os quereres da criança e regras que possibilitem que esta atuação funcione. Por exemplo, todas as crianças da Fundação devem frequentar a escola e estarem se dedicando ao aprendizado escolar, além de seguir certas regras presentes no estatuto da ONG, algumas coisas que estão proibidas são os xingamentos e desrespeito, assim como a alusão ao uso de drogas, palavrões e o uso de violência. Tais ações afetam a liberdade e integridade de outras crianças, adolescentes e adultos integrantes e frequentadores da Fundação, e por isso estão proibidas, sendo sempre repreendidas, e quando a repreensão por si só não funciona, a criança pode ser suspensa, e seus pais são chamados para conversar. De acordo com os integrantes da ONG, estas ações já são suficientes e funcionam para que seja criado um espaço de harmonia. Essas ações se relacionam perfeitamente com o conceito de protagonismo infantil, que parte desse lugar de liberdade e expressão, e da escuta sem significar que a criança tem o poder de fazer tudo que quiser passando por cima dos outros, que parte também do ensino da vida em sociedade, respeitando os próprios quereres e fazeres, assim como das outras pessoas.

Algo que também é como uma regra da Fundação Casa Grande é que todos os integrantes começam pela limpeza, parte essencial da manutenção do espaço, que ensina as crianças a terem cuidado pelo local que frequentam, além de incentivar a ajuda ao outro, visto que a limpeza não está reservada a certa faixa etária ou nível de instrução, assim como não está reservada àqueles que iniciam suas funções na Fundação, mas é realizada por todos os integrantes, que são proativos e ajudam uns aos outros a manter o espaço sempre propício para a realização das atividades.

Além da mediação de exposições pelas crianças, a casa conta com diversas ações artísticas e culturais, e que variam dependendo de quais crianças estão frequentando o local, visto que essas ações partem do interesse e habilidades delas mesmas, por exemplo, a gibiteca, onde as crianças criam gibis. Se nenhuma das crianças tem interesse por desenho, a gibiteca fica fora de funcionamento, e volta quando isso surge de alguma criança que já tenha ou crie essa vontade de desenhar e criar gibis.

A Fundação atua em diversas frentes e possui uma grande riqueza de linguagens artísticas, e cada uma delas surge ou ressurge do interesse das crianças, esse fato por si só já exemplifica a atuação do protagonismo infantil no espaço, visto que os interesses e habilidades de cada criança é o que é levado em conta para as ações artísticas empregadas, e depende inteiramente das escolhas de cada uma delas.

Para exemplificar as atividades que fazem parte da programação da Casa Grande, é necessário citar as quatro frentes em que a ONG atua, sendo elas: memória, artes, comunicação e turismo. O programa de memória é o que fica responsável pelo acervo que iniciou as atividades na casa, o Memorial do Homem Kariri, e sua exposição de fatos e artefatos arqueológicos a respeito do povo pré-histórico Kariri. O programa de artes é o que engloba todas as ações artísticas da casa, em que se incluem a gibiteca, — onde as crianças produzem as histórias e desenhos para seus próprios gibis — os laboratórios de música, — que abrangem qualquer tipo de experimentação e produção musical, como a banda de lata — o cineclube, — onde são exibidos os filmes produzidos pela TV Casa Grande — e a biblioteca. A parte de comunicação é onde as crianças produzem seu próprio programa de rádio, é também o setor que inclui a TV Casa Grande, que produz filmes para o cineclube e além disso conta com laboratórios voltados ao tema de internet e editora. A última frente da Fundação, e não menos importante, é a do turismo, onde as crianças organizam a vinda de turistas, fomentando essa área na cidade.

A Fundação, além de ter esse potente programa educacional, fomenta o turismo e a economia de Nova Olinda. Como explicado por Alembert em nossa entrevista, a ONG possui laços estreitos com os pais das crianças, e muitos deles fizeram pousadas familiares em suas casas para acolher os turistas que vinham de longe prestigiar a Fundação. Além de ser uma maneira de trazer os pais ainda mais para perto da organização, isso contribui para a renda familiar dessas crianças e é também uma forma de fomentar o turismo e, além disso, trazer ainda mais pra perto os visitantes da região.

Os produtos culturais voltados para a infância são coisas que não faltam na contemporaneidade, porém, visto a sociedade capitalista em que estamos inseridos, estão muito focados no lucro, ou seja em vender para essa criança, os produtos culturais acabam sendo uma base para a venda de brinquedos, roupas,

etc. Inspirados nos desenhos, filmes e canais do youtube do momento, então há uma grande monetização em cima de tudo que é voltado para a criança. O exemplo da Fundação Casa Grande, traz algo que se distancia dessa cultura, pois não tem o dinheiro, a venda como foco. O foco é a escuta infantil, é construir em comunidade, tanto a comunidade infantil, quanto suas famílias, as escolas da região e os turistas. Além disso, ao contrário da maioria dos produtos culturais voltados para a infância, a Fundação Casa Grande não é construída para as crianças, e sim pelas crianças, em conjunto, através de uma escuta ativa, permitindo que sejam protagonistas de suas próprias histórias e vivências, e beneficiando não só as crianças que têm contato com essa experiência, mas também todos que tem acesso ao saber infantil, que por mais que esteja presente em algum lugar de nossa memória adulta, é resgatado com a interação e escuta infantil, e apesar de todos já termos sido crianças, não somos mais, e estamos tão inseridos na cultura que vivemos, que não conseguimos ter essa visão que a infância traz, mas que pode ser lembrada pelas novas infâncias de hoje.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve a pretensão de analisar a importância do protagonismo infantil, focando em experiências artístico-pedagógicas. Primeiramente fiz uma análise da criação do conceito de infância em uma sociedade ocidental e eurocêntrica - a partir dos estudos de Àries - entendendo de onde surge a desvalorização da infância e das experiências e opiniões infantis, e também os progressos que foram feitos nessa área, e analisando qual é hoje o lugar da criança na sociedade brasileira, e os preconceitos que nossa sociedade adultocêntrica inflige na fase da infância, criando-se até movimentos anti-criança, como o movimento *Child Free*, que surgiu nos Estados Unidos, primeiramente com o intuito de defender as pessoas que não tinham o desejo de ter filhos, mas que logo se tornou mais uma ferramenta de intolerância com a infância. Analiso também, que apesar de haver um movimento de discurso de ódio contra a infância, nossa sociedade não vê como algo tão grave em comparação a outros tipos de preconceito, como de gênero, raça, sexualidade e classe, apesar das crianças, além de serem crianças, também serem atravessadas por diversas outras identidades que se interseccionam.

Analiso neste primeiro capítulo os direitos reservados à criança e ao adolescente, a partir do ECA, porém mais voltado para o direito da criança à liberdade, alteridade e expressão, direitos esses que são constantemente desrespeitados nos principais espaços de convivência infantil, a família e a escola. A escola como é hoje, criada a partir da revolução industrial, segue o padrão industrial e capitalista, que busca a homogeneidade dos cidadãos, e busca tratar as crianças com igualdade, porém sem equidade, não buscando entender as particularidades de cada criança. Analiso nossa sociedade adultocêntrica, como uma sociedade que não escuta ativamente a criança e não busca analisar atentamente suas diversas formas de comunicação e expressão, além de ver na infância apenas uma fase passageira, um futuro adulto.

No segundo capítulo busco analisar mais profundamente o conceito de protagonismo infantil, que parte muito do conceito de escuta ativa da infância, buscando que a criança seja protagonista não só de sua própria vida e história, mas também de uma história coletiva. O protagonismo infantil não parte do

princípio das crianças poderem fazer tudo que quiserem, até porque isso pode até colocá-las em perigo, mas sim de levar sempre em consideração suas opiniões e quereres. O protagonismo infantil é importante não só para a vida da própria criança e dos que convivem com ela, mas também para toda nossa sociedade, que pode se beneficiar de uma visão diferente que raramente é ouvida, e que não pode partir de um adulto pois esse adulto não é mais uma criança. A criança não está tão inserida culturalmente na nossa sociedade e, por isso, traz uma visão que é única e particular da infância, mas que é muito subestimada, pela falta de experiência.

Analiso o conceito geral de protagonismo infantil, porém meu objetivo é trazer a visão desse conceito dentro do campo das experiências artístico-pedagógicas, levando em consideração o fazer artístico como forma de expressão e comunicação, e como uma das diversas linguagens utilizadas pelas crianças de comunicação com o mundo e expressão de seus sentimentos e opiniões. Analiso também que a similaridade entre arte e infância também parte da desvalorização de ambos, a infância é desvalorizada, assim como a arte, que nas escolas é apresentada como uma matéria de menos importância com relação às ciências humanas e principalmente às ciências exatas. Apesar de ser uma matéria obrigatória no currículo nacional, na maioria das vezes o ensino da arte é feito de forma muito similar ao ensino das ciências exatas, porém é algo que não é mecânico e exato e, na escola, acaba perdendo um pouco de seu valor imaginativo e criativo, se tornando mais um exercício de lógica industrial, apesar de ser algo que em sua essência vai completamente contra essa lógica, e está pautada na liberdade, imaginação e expressão. Durante todo o capítulo trago estudos bem novos na área de infância, escuta e protagonismo infantil, que vêm crescendo atualmente.

Todas as teorias que trago nos dois primeiros capítulos, nos levam ao terceiro e último capítulo, onde trago na prática o exemplo perfeito de experiência de protagonismo infantil artístico-pedagógica, o caso da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri. A Fundação foi criada por 2 adultos, porém o trabalho com as crianças partiu delas, que brincavam nos arredores, e ao observar as mediações feitas com os visitantes na casa, começaram organicamente a mediar também as visitas. Com isso, Alemberg e sua esposa Rosiane, criadores da Fundação, vendo o potencial nas crianças, trouxeram elas mais pra perto ainda da

Fundação, que hoje é gerida pelas crianças e adolescentes, que realizam diversas atividades de acordo com seus interesses, ensinam uns aos outros de maneira horizontal, e todos cuidam do bem-estar do espaço, além da instituição estar sempre em contato com as escolas e famílias das crianças que ocupam o espaço, e das redondezas. Observar uma experiência como essa, que não se baseia em estudos sobre protagonismo infantil, mas é usada como base para muitos estudos, é possível observar a beleza do protagonismo infantil, principalmente inserido no campo artístico, e de deixar que as crianças sejam livres para ser quem quiserem, tendo suas opiniões e pensamentos, não só ouvidos, como escutados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Ana Mae & CUNHA, Fernanda Pereira. *A abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus, 1994.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069*, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL

BRASIL. *Lei N° 9.394* de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. 1 ed. São Paulo, Panda Books, 2020

IDOETA, Paulo Adamo. '*Não aceitamos crianças*': avanço da onda 'childfree' é conveniência ou preconceito?. BBC News Brasil, São Paulo, 9 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-40784489>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel (Orgs). *Infância e produção cultural*. Campinas, SP: Papirus, 2014

NASCIMENTO, C. T. do; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. de. *A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas*. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 47–63, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2008.79.47-63. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>. Acesso em: 1 dez. 2023

RAWLS, J. *Justiça como equidade: Uma reformulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

SANTIAGO, F.; DE FARIA, A. L. G. *Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso*. Educação e Fronteiras, Dourados, v. 5, n. 13, p. 72–85, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5184>. Acesso em: 1 dez. 2023.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009